

## CAMPANHA PRÓ-IMPrensa DO CENTRO CULTURAL “GONÇALVES DIAS” CADERNO LITERÁRIO Nº 2: UM OLHAR CRÍTICO PARA OS PRIMÓDIOS DO MODERNISMO NO MARANHÃO.

CADERNO LITERÁRIO Nº 2 FROM CAMPANHA PRÓ-IMPrensa BY CENTRO  
CULTURAL GONÇALVES DIAS: A CRITICAL VIEW TOWARDS THE BEGINNINGS  
OF MODERNISM IN MARANHÃO

Recebido: 15/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2805

Natércia Moraes Garrido<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5070-3383>

**Resumo:** O presente estudo visa analisar criticamente a publicação literária intitulada *Caderno Literário nº2*, organizada e editada pelo grêmio maranhense Centro Cultural “Gonçalves Dias” em 1947. O objetivo maior é evidenciar como essa revista oportunizou um espaço para que vários jovens intelectuais maranhenses em ascensão nas letras pudessem expor seus textos e suas influências e como seus poemas já demonstravam uma transição entre o persistente academicismo e o Modernismo, o qual ainda não havia se efetivado no Maranhão. No decorrer deste estudo, analisamos brevemente 2 textos em prosa e 16 poemas, porém enfocamos em dois, *Horizonte vespéral*, de Nascimento Morais Filho, e *Meu verso*, de Lago Burnett, para que se perceba a dualidade de tendências ainda em voga em nossos autores e como o movimento de renovação, ainda que desejado, não se fazia plenamente segundo a estética modernista. Para amparar nossa fundamentação teórica, utilizamos as concepções de Candido & Castello (2001), Corrêa (1989), Meireles (1955) e Ávila (1975), dentre outros.

**Palavras-Chave:** Poesia; Modernismo; Literatura Maranhense; Análise.

**Abstract:** This study aims to critically analyze the literary publication *Caderno Literário nº2*, organized and edited by Centro Cultural “Gonçalves Dias” in 1947, a Maranhense guild. The main goal is to show how this journal provided a space for several young Maranhão intellectuals to expose their texts and their influences, and how their poems already showed a transition between the persistent academicism and Modernism, which had not yet taken place in Maranhão. In this study, we briefly analyze two prose texts and 16 poems, but we focus on two, *Horizonte vespéral*, by Nascimento Morais Filho, and *Meu verso*, by Lago Burnett, so that we can perceive the duality of tendencies still in vogue in our authors and how the renovation movement, although desired, did not fully conform to modernist aesthetics. To support our theoretical foundation, we used the concepts of Candido & Castello (2001), Corrêa (1989), Meireles (1955) and Ávila (1975), among others.

**Keywords:** Poetry. Modernism. Maranhense Literature. Analysis.

### Introdução

O presente estudo visa examinar, sob o ponto de vista histórico e literário, a revista intitulada *Caderno Histórico nº 2*, publicação organizada e editada pelo Centro Cultural “Gonçalves Dias” que sai a lume em 03 de novembro de 1947. A revista possibilitou um espaço de produção literária deste grêmio, o qual congregou

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa e Inglesa e Literaturas há 20 anos, atuando tanto na rede privada quanto na rede pública. Nos últimos 10 anos vem se dedicando à pesquisa em Literatura Maranhense, com foco em poesia e crítica literária. E-mail: [naterciagarr@gmail.com](mailto:naterciagarr@gmail.com)

vários jovens intelectuais maranhenses ansiosos para colocar em prática seus pensamentos em poesia e prosa. Pretendemos também analisar criticamente, neste breve ensaio, dois poemas que demonstram o momento de transição literária pela qual passava dois de seus autores, quais sejam: *Horizonte vespéral*, de Nascimento Morais Filho, e *Meu verso*, de Lago Burnett.

Antes, no entanto, é preciso situar a gênese do próprio Centro Cultural “Gonçalves Dias”, assim como sua atuação e relevância junto a esse cenário intelectual que ainda não sabia muito bem como conduzir as esperadas transformações no âmbito da estética modernista, as quais ainda não haviam aportado efetivamente no Maranhão.

O Centro Cultural “Gonçalves Dias” nasce em 1945 primeiramente de reuniões boêmias e informais no Bar Paulista, situado no Largo do Carmo, centro da capital São Luís. É neste local que vários jovens se aproveitarão do espaço para compartilhar e declamar seus poemas autorais, além de discutir temas de diferentes interesses e que estavam em voga na segunda metade da década de 1940. No rol de assuntos debatidos manifestavam-se invariavelmente àqueles ligados à filosofia, à política e aos temas sociais que alcançaram esta geração, a qual acabava de testemunhar, mesmo de longe, a eclosão e o término da 2ª Guerra Mundial.

Liderados pelo jovem poeta Nascimento Morais Filho, é creditado a este a nomenclatura do grêmio, haja vista que ele era um fervoroso admirador de Gonçalves Dias, considerado pela crítica literária como o maior representante do Romantismo brasileiro e o autor que mais incorporou, em seus versos, o ideal nacionalista tão difundido no período pós-independência do Brasil. Para Garbuglio (2001), além de ser o fundador da poesia nacional, Dias consegue, em seus poemas, firmar de vez as tendências ainda incertas na temática e na forma de tratamento da matéria, graças especialmente à alta qualidade de sua produção literária. De uma forma geral, quando se analisa a proposta do CCGD<sup>2</sup>, percebe-se que o grupo pretendia mesmo resgatar os áureos tempos da Atenas Brasileira, já que mais uma vez o Maranhão passava por um período de marasmo intelectual nas letras.

O estudioso Mário Meireles em seu *Panorama da Literatura Maranhense* (1955) viu esse movimento de retomada cultural de perto com o CCGD e registra

---

<sup>2</sup> Abreviatura que usaremos daqui em diante para nos referir ao Centro Cultural Gonçalves Dias.

que sim, houve tentativas anteriores de renovação ou de resgate da glória ateniense, mas “a força da decadência era superior à vontade dos poucos idealistas”. E diz mais:

Aliás, a decadência era generalizada e progressiva a contar da data de Abolição – as letras, é certo, estão sempre em função do estado econômico do meio e o Maranhão, agrícola e escravocrata, ainda hoje sofre as consequências da Lei Áurea que o abalou até aos alicerces. Ficar na terra era, e ainda é para o maranhense, dar-se por vencido na luta pela vida e eles, nós aliás, vamos para outros estados, para os meios maiores, e vencemos sempre lá, mercê de Deus. [...] Não obstante, e porque o intelectualismo seja como um “vírus” a correr-lhe nas veias e nas artérias, os que ficaram prosseguiram na luta, ao modo da Fênix legendária. (MEIRELES, 1955, p.222)

O Centro Cultural “Gonçalves Dias” existiu até meados do ano de 1950. Além do poeta Nascimento Morais Filho, congregou nomes de muitos outros intelectuais em algum momento de sua breve existência, a exemplo de Lago Burnett, Agnor Lincoln da Costa, Bandeira Tribuzzi, Tobias Pinheiro Filho, Celso Bastos, Reginaldo Telles, Vera-Cruz Santana, Luís Bogéa Nogueira da Cruz, Ferreira Gullar, Raimundo Nonato Cardoso, José Bento Nogueira Neves, José Joaquim Filgueiras, Almeida Galhardo, Dagmar Desterro, Nelson Borges e Myrliá de Alencar (pseudônimo de Maria José Hoyer Burnett), dentre outros.

Intelectuais de outrora também participaram do grupo, como o Dr. Bacelar Portela, Luso Torres, Manoel Sobrinho, Clodoaldo Cardoso e Nascimento Moraes (o pai), “todos dispostos ao trabalho, para a esboçada comunidade de propósitos, sob o símbolo da resistência e da reconstrução culturais” (CORRÊA, 1989). O grupo se reunia oficialmente, *a priori*, na casa de um dos centristas, o Antonio Augusto Rodrigues, no período da noite; depois no auditório da Escola Modelo Benedito Leite, pela tarde; e por fim, entre os anos de 1948 e 1949, no Teatro Artur Azevedo, pela manhã. Os locais escolhidos para os eventos mais formais organizados pelo CCGD, conforme consta registro em atas e notas de jornal, eram o referido teatro, o Clube Lítero-Português e ainda o Cassino Maranhense.

A base de nossas pesquisas sobre a atuação do grêmio envolve análise de textos encontrados em fontes primárias: duas cartas do ex – centrista José Vera-Cruz Santana endereçadas a Nascimento Morais Filho, um caderno de atas e inúmeras edições do extinto jornal *Diário de S.Luiz*. Livros que tratam de historiografia e crítica literária maranhense também foram examinados, a exemplo

do *Panorama da Literatura Maranhense* (1955) de Mário Meireles e *O Modernismo no Maranhão* de Rossini Corrêa (1989). A pesquisa em seu âmbito documental foi realizada na biblioteca particular da família do poeta Nascimento Morais Filho e na Biblioteca Pública Estadual Benedito Leite, consultando desta última tanto o acervo *in locu* quanto o digital. Ambas bibliotecas situam-se em São Luís (MA). É importante também acrescentar que utilizamos o acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, disponível *online*, para perscrutar documentos referentes ao extinto jornal maranhense *Diário de S.Luiz*.

Dentre as realizações do CCGD, podemos destacar as publicações *Campanha Pró-Imprensa do Centro Cultural Gonçalves Dias Caderno Histórico nº 1* e *Campanha Pró-Imprensa do Centro Cultural Gonçalves Dias Caderno Literário nº 2*, ambas de 1947; a edição do *Suplemento Cultural*, a qual era veiculada regularmente no extinto jornal *Diário de São Luiz*, entre 1948 e 1949; e o apoio financeiro<sup>3</sup> às publicações dos livros de estreia de dois importantes centristas em 1949: *Estrela do Céu Perdido*, de Lago Burnett, e *Um Pouco Acima do Chão*, de Ferreira Gullar. Nosso foco, como já explicitado no início deste artigo, voltar-se-á para a breve análise do *Caderno Literário nº 2*.

### **Caderno Literário nº2: um olhar crítico para os primórdios do Modernismo no Maranhão.**

Entendemos como Modernismo o movimento de ruptura que se deu nas artes em geral, dentre elas a Literatura, e que no Brasil ocorre no início do século XX, tendo sua culminância efetiva no evento conhecido como Semana de Arte Moderna de 1922. Enquanto teoria estética, o Modernismo visava sobretudo orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001)

Como características estéticas, o foco era o desejo de expressão livre, tanto no tocante às emoções pessoais quanto à realidade do Brasil, sem a pressão de subjugar a linguagem aos embelezamentos tradicionais do academicismo. A contribuição maior dos modernistas foi revelar em seus textos uma escrita livre de formalismos e mais atenta às transformações sociais vividas diariamente,

---

<sup>3</sup> O apoio financeiro se deu por verba pública concedida na época pelo Governador Sebastião Archer da Silva.

explorando os inúmeros fatos que circundavam e angustiavam a civilização do século XX. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001)

No contexto brasileiro, redescobrir o país, alimentando-se de sua etnografia e folclore, significou romper com o nacionalismo considerado *enfeitado* por seus predecessores românticos. O Brasil dos modernistas se inspirou na força criadora do primitivo, e viu neste a capacidade de descobrir um novo lirismo e se desvincular, em grande parte, da literatura produzida na Europa. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001) Isso permite enxergar a pátria como um espaço de inúmeros contrastes e com muitas vertentes que ainda aguardam por novos descobrimentos. A atitude dos modernistas - de buscar inspiração nos rincões de nosso país, contribuiu para a adoção de uma outra perspectiva sobre nossa identidade nacional.

Outro ponto de destaque dentro das propostas modernistas foi a subversão dos gêneros literários, principalmente quando pensamos em poesia. Esta aproximou-se do ritmo, do vocabulário e dos temas da prosa; o inverso também acontece, com a prosa adotando processos de elaboração da poesia. Por isso nos referimos bastante ao termo “prosa poética”, tipo de texto muito recorrente no século XX e que vislumbra essa hibridização. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001)

Como nosso enfoque neste artigo é a poesia, podemos elencar suas conquistas no Modernismo: formas poéticas e versos livres, sob as quais não reconhecemos mais as estruturas tradicionais; a simultaneidade; capacidade de condensação; metáforas vívidas e fusão de elementos diversos. (CÂNDIDO & CASTELLO, 2001) O emprego do verso livre permite uma maior flexibilidade do olhar poético em seu entorno, ampliando suas possibilidades expressivas. Ao eu lírico também é permitido despersonalizar-se, ou seja, a subjetividade plena não é mais um requisito fundamental da voz poética que se expressa, e como exemplo disso temos a poesia do autor português Fernando Pessoa.

A conquista da liberdade linguística no Modernismo, a qual é observada em suas três gerações poéticas, se reflete em cinco pontos interessantes, elencados por Ávila (1975): a experimentação; a inventividade; a concepção crítica do real; fantasia de autenticidade nacional; e o substrato de consciência ideológica. Em termos gerais, diríamos que a oralidade é um grande expoente dos textos poéticos. Portanto, para um autor ser plenamente modernista, é necessário que forma, linguagem e conteúdo se interliguem pelo fio da liberdade.

O *Caderno Literário nº2* foi uma publicação organizada e editada pelo Centro Cultural “Gonçalves Dias” e pela Imprensa Oficial do Estado do Maranhão em 1947, com o apoio de verba pública estadual propiciada pelo então Governador Sebastião Archer da Silva, cujo mandato se estendeu de 1947 a 1951. Ao longo de 40 páginas, a revista estrutura-se da seguinte forma em seu conteúdo interno: a) contém a reprodução incompleta de um poema de Gonçalves Dias (*Caxias*, faltando a última estrofe); b) traz um robusto editorial de Nascimento Morais Filho, assinando como Presidente do CCGD, e intitulado *Duas Palavras*; c) e conta com dezesseis poemas e dois textos em prosa (uma crônica e uma prosa poética) dos centristas, como eram chamados aqueles associados ao CCGD.

Tanto o poema de Gonçalves Dias quanto o editorial de Nascimento Morais Filho demonstram toda a intenção de homenagear aquele grande poeta maranhense e sua contribuição para a formação do ideal de Pátria a partir de um pensamento intelectual, tão necessário ao Brasil recém-independente em 1822. Na visão do editor,

Gonçalves Dias tinha a natureza dentro de si, sentia-a e amava-a. E no pulsar do seu coração latejava-lhe a pátria. Ele tinha em sua alma todos os esplendores das auroras e todas as tristezas dos crepúsculos. O seu panteísmo, porém, não é somente a sua “fisionomia psíquica”, era também a sua fisionomia política. Conhecedor do nosso passado, como do nosso presente, alongava seus olhos clarividentes para o futuro, e via que “havíamos de evoluir no sentido da unidade continental” (MORAIS FILHO apud CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947, p.9-10)

Em linhas gerais, o editorial *Duas Palavras* dirige-se à exaltação da figura de Gonçalves Dias, pois sem este e sua obra seria difícil concretizar todo o nosso ideal nacionalista. O editor retoma ainda a ideia de que o que José Bonifácio havia feito de forma filosófica e política em seu *Manifesto da Independência do Brasil* de 1822, Gonçalves Dias havia traduzido em sentimento e lirismo em seus versos. Para o editor, o bardo romântico encarnou de fato o projeto de um Brasil unido, livre e independente pois conhecia o passado, o presente e enxergava o futuro. Desta forma, para Morais Filho, Gonçalves Dias concretiza em sua obra nosso pensamento nacionalista.

Apesar de ressaltar uma postura cívica e adotar a tradição nas letras, é importante lembrar que o CCGD e seus integrantes desejavam mesmo era sair do marasmo intelectual e dos silêncios da província, propondo novos espaços de discussão e de produção literária sem esquecer do fomento e do apoio maciço aos eventos culturais na sociedade ludovicense. Como disse certa vez Nascimento Morais Filho, o CCGD era um movimento que existia para além das letras e declamações de poemas em bares: “era cultural, portanto, global. Envolvia tudo – não houve nunca antes, no Maranhão, um movimento nesse sentido.” (MORAIS FILHO apud CORREA, 1989).

A seguir, registramos a presença dos poetas maranhenses no *Caderno Literário nº2* com suas respectivas produções poéticas e realizamos também, como será percebido adiante, uma breve apreciação crítica desses textos:

1) *A Gonçalves Dias*, soneto de Tobias Pinheiro Filho: poema de tom elegíaco na medida em que exprime o luto por Gonçalves Dias por ocasião do naufrágio do navio *Ville de Boulogne*: “Gonçalves Dias morre... e quem o há de chorar? / Sua alma vai viver com as estrelas nos céus, / Seu corpo vai dormir com as pérolas no mar!” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

2) *Divina eclosão*, soneto de Agnor Lincoln da Costa: poema dedicado a Nascimento Morais Filho, destacando o “companheiro arrojado e espírito brilhante”. O tema se volta para o verdadeiro papel do poeta, o qual enxerga o caos e o sofrimento porém conta apenas com uma arma para denunciar sua realidade insatisfatória: a palavra: “Depois, erguendo a voz, num gesto singular, / cantou como a domar os páramos adversos / e ardeu numa eclosão de lágrimas e versos.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

3) *A ti, mulher sem nome!*, poema de forma livre de Alteredo Barros: com uma temática audaciosa para a época, o eu lírico reflete sobre o direito à maternidade de uma prostituta. Consideramos este um poema modernista, inclusive por apresentar uma característica difícil de se encontrar em poemas maranhenses da época: o prosaísmo. “O que é Belo e Feliz n’outras mulheres / é simplesmente o que desejas tu. / Mas pra ti, mulher, que és prostituta, / Ser mãe, ter filho, é cometer um crime!” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

4) *Destinação*, poema de forma livre de Celso Bastos: outro exemplo de texto poético que já se configura modernista, não só pelo prosaísmo e linguagem popular como pela reflexão social. O eu lírico expressa sua ideia sobre o futuro das próximas

gerações, já que a do presente pertence à “era atômica”. Predomina aqui uma mensagem de luta, sacrifício e esperança: “Do seio de todos nós tem surgido mártires / e hão de surgir ainda, / porque a luta é longa.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

5) *Revolta*, soneto de Costa Filho: apesar da estrutura clássica, apresenta uma crítica social, pois a revolta dirige-se à opressão do homem que é calada e sufocada: “Vejo o aniquilamento de uma raça, / a ignorância dominante a massa... / e a fome sendo o pão de cada dia...” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

6) *Estoicismo*, soneto de Dagmar Desterro: poema de temática romântica com uma abordagem filosófica, como sugere o próprio título. O eu lírico aconselha a mulher a se manter em seus princípios morais, a ser indiferente ao sentimento amoroso: “Cuidado com os caminhos enganosos! / Pensa e medita um pouco em tua vida...” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

7) *Lamento de um sonhador*, poema de forma livre de José Naufel: com tendência modernista, apresenta uma linguagem mais próxima da simplicidade. De teor melancólico, o eu lírico desiludido da vida e dos amores recorre ao lamento: “Parte de minh’alma dilacerada pela desilusão, / Que soluça, na angústia suprema / De ter perdido a felicidade.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

8) *Bandolim de amores*, soneto de Mário Bogéa: de influência claramente simbolista, apresenta recursos estilísticos desta estética literária como a sinestesia, a fim de evocar a musicalidade. A temática está voltada para o sonho, o amor e a esperança: “O bandolim que sonha e palpita / Nesta ilusão de amores, tão bendita, / É o coração, meu pobre sonhador.” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

9) *Cortina de ribalta*, poema de forma livre de Myrllia de Alencar: de influência parnasiana na essência, personifica a cortina de veludo do teatro como testemunha da arte, descrevendo todo o processo artístico que se desenrola naquele espaço: “E ninguém pensa ao ver-te / que ao seres suspensa, / tremes toda / ao veres / trêmulos e suspensos / os artistas sob tua guarida...” (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

10) *Anjos*, poema de Nogueira da Cruz: estruturado em 4 quartetos, possui uma influência eminentemente simbolista, valendo-se do uso de aliterações, sinestésias e assonâncias. A musicalidade, as visões etéreas, os sonhos e as brancuras estão todas expressas em seus versos: “Visões cálidas, álgidas visões, /



visões de amor, doces visões de beijo; visões, que de saudade eu louco vejo, / em minh'alma, pulsando corações." (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

11) *O espinho e o jardineiro*, poema de Nelson Borges: estruturado em 11 quartetos, com rimas alternadas, o eu lírico assume a forma de espinho, o qual questiona a razão do jardineiro eliminá-lo da rosa e em razão disso, vive triste: "Jardineiro, por que deixas / Que eu me fique, só, assim? / E levas somente a rosa, / E não me levas a mim?" (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

12) *Asas queimadas*, soneto de Reginaldo Telles: clássico em forma, linguagem e conteúdo, o tema dirige-se à desilusão do eu lírico: "Tentando reviver minh'alma torturada.../ Nas asas do meu sonho eu me arrojava a tudo, / E agora, tudo embalde...e não me resta nada!" (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

13) *Isaura*, soneto de Ubirajara Rayol: igualmente clássico em todos os sentidos, o tema volta-se para a perda da amada, lamentando sua morte em tom saudosos: "Vai para o céu a linda companheira.../ Mas a minh'alma triste e dolorida, / Ao vê-la na agonia derradeira, / O desespero sente da partida!" (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

14) *Cromo*, poema de Vera-Cruz Santana: o texto na verdade adquire contornos de prosa poética, mesmo que organizado em três estrofes. Como o próprio título sugere, percebemos uma explosão de cores ao se descrever um fim de tarde na praia, pelo eu lírico angustiada: "Há um dilúvio de sangue no poente! / É o sol, que morre, em clamores de luz, beijando o mar! / É a agonia da tarde! A angústia incompreendida do dia que passa!" (CADERNO LITERÁRIO Nº2, 1947);

15) *S. Luiz, boa noite!*, crônica de José Filgueiras lida na Rádio Ribamar em 24/10/1947: essa é uma crônica com bastante lirismo, em que São Luís saúda e ao mesmo tempo exalta os caxienses e sua herança de tradições e de belezas naturais. No texto, o autor confirma a ida dos centristas à Caxias em breve, a fim de homenagear o poeta Gonçalves Dias em sua cidade natal;

16) *Duas cartas sem resposta (fantasia)*, prosa poética que aparece na revista sem autoria: é a carta de um homem apaixonado e ignorado por sua amada, a qual insiste em não lhe responder as missivas.

Na leitura analítica do *Caderno Literário nº2*, gostaríamos de destacar um olhar mais atento a dois poemas, cujos autores se definirão modernistas na década seguinte – a de 1950. São eles *Meu Verso*, de Lago Burnett, e o soneto *Horizonte Vespéral*, de Nascimento Morais Filho.

O poema *Meu verso* é um dos que se destacam por já ultrapassar a barreira da tradição, trazendo uma voz poética com espírito combativo, além de explicitar em seus aspectos de construção formal versos livres e brancos, ou seja, versos sem preocupação com a métrica ou rima. Vejamo-lo na íntegra, abaixo:

Meu verso  
Não ficará preso nas páginas de um livro,  
No esquecimento das estantes.  
Meu verso irá pela praça,  
Livre, correndo,  
Mostrando ao mundo  
A estrela da Liberdade!  
Irá descalço,  
Junto com o povo.  
Há de sentir o cheiro da miséria,  
Dormir no relento,  
Sofrer com o povo.  
Meu verso entrará na fila  
Para ganhar o pão de cada dia.  
Nas noites de chuva,  
Ele não ficará sentado,  
Aquecendo as mãos diante de uma lareira.  
Ele irá pelos bairros pobres,  
Abrigando os desafortunados,  
E recolhendo na sarjeta,  
As crianças pobres,  
Que ficaram esquecidas,  
Sem infância.  
Meu verso irá salvar a Mocidade!  
Ele arrancará o cigarro  
Da boca do menino pervertido,  
E o lançará no pano verde do jogo,  
Ateando o fogo com a cachaça maligna  
Na vitoriosa fogueira  
Da consumação do vício.  
Meu verso irá pelas cadeias públicas,  
Abrirá as jaulas,  
E mostrará aos presidiários  
O DIA NOVO que surge!  
E eles irão todos juntos  
De braços dados,  
Ajoelhar-se diante da Cruz do Cristianismo,  
Homens de fé!  
(BURNETT apud CADERNO LITERÁRIO nº 2, 1947, p.23-24)

Esse poema integra também o livro *Estrela do Céu Perdido*, o primeiro de Lago Burnett, cuja primeira edição saiu com o apoio do Centro Cultural “Gonçalves Dias” em 1949. É um poema de uma estrofe só, com irregularidade na extensão dos versos, que como já dissemos, são livres e transpiram oralidade. O eu lírico resgata a força de sua voz, a do poeta, cujos versos não se prestarão a ficar *presos nas*

*páginas de um livro* esquecido na estante, mas transcenderão e servirão à uma causa social da qual muitos são sofredores. São versos que mostrarão a liberdade e a esperança aos jovens, tirarão a fome e o vício, abrirão os portões das cadeias e farão surgir um novo dia, em que todos serão irmãos na fé cristã. O poeta Ferreira Gullar, em prefácio à 2ª edição de *Estrela do Céu Perdido* (1999), relembra a década de 1940, época de juventude e poesia, vivida com o amigo Lago Burnett:

Estreamos, os dois, quase ao mesmo tempo, em livros editados às nossas custas, com capa do mesmo Floriano Teixeira, em edição do mesmo Centro Cultural Gonçalves Dias. Éramos uma dupla inseparável: fundamos, juntos, um pequeno jornal literário – *Letras da Província* – que logo passou a chamar-se *Saci* e em seguida *Afluente*. Para custear a edição, saíamos pelo comércio do centro da cidade a pedir anúncios. Não tínhamos ideia muito clara do que queríamos da vida, mas estávamos convencidos de que éramos poetas e devíamos nos fazer ouvir.... [...] *Estrela do Céu Perdido* reúne versos de um rapazola, escritos entre os 17 e os 19 anos. Não é de estranhar, portanto, que haja nele poemas ingênuos, seja temática seja formalmente. Mas, mesmo nesses poemas, aqui e ali fulgura o talento raro do poeta, capaz de imagens surpreendentes e de um modo novo de abordar velhos temas. (GULLAR apud BURNETT, 1999, p.11-12)

Já quem lê o soneto *Horizonte Vespéral*, de Nascimento Morais Filho, não imaginaria nele o mesmo autor dos versos de *Evocação*, um extenso poema declamatório que dialoga de forma intensa com *Meu verso*, de Lago Burnett. A diferença é que *Evocação* comporá o primeiro livro de Morais Filho, o qual só será publicado em 1955 com o título *Clamor da Hora Presente*.

*Horizonte vespéral* é dedicado a *alguém*, abordando a temática de um sonho inalcançável, o qual se estende para além do horizonte de um fim de tarde. Segue abaixo o referido soneto:

Bradou-me um dia uma Visão – “Avante!  
O teu caminho a luz apoteosa  
A Glória te acompanha, parte atlante!  
(E olhando a plaga elísea e esplendorosa):

“O Azul é teu troféu! Ergue-o triunfante  
No pedestal de um coração. Desposa  
A rútila conquista no Levante  
Dos sonhos dos teus dias”. Dolorosa

Jornada, então, rompi. Do ritual  
Do Amor aceito e cumpro a férrea lei  
Buscando-te na altura alcantilada.

Mas... és meu horizonte vespéral

Onde assim, como o sol, eu morrerei  
Na cósmica ilusão doutra alvorada.  
(MORAIS FILHO apud CADERNO LITERÁRIO nº 2, 1947, p.31).

Este poema é o retrato de um poeta ainda em construção, que carrega consigo muito das tradições literárias que estão impregnadas na pele dos intelectuais maranhenses. Em 1947 Morais Filho era muito jovem, contava apenas 25 anos. Apesar do conteúdo romântico, antevemos em *Horizonte vespéral* algumas metáforas características de sua obra que se tornarão constantes mais à frente: *azul*, como a liberdade conquistada; termos ligados a um esclarecimento e percepção da mente que enxerga além (*luz, visão, olhando*); o eterno movimento incessante de um eu lírico que não desiste (*avante!, jornada, caminho*); a promessa da conquista (*troféu, Glória, luz apoteosa*); e a força do eu lírico (*atlante*).

A ideia fixa de Morais Filho por Gonçalves Dias, e onde reside a essência do CCGD, reflete puramente a crença ludovicense na tradição e no resgate dos valores passadistas, no sentido de não deixar morrer a memória dos nomes daqueles que ajudaram a construir os pilares sólidos de nossa cultura. Pensar São Luís como Atenas Brasileira significa entender a construção de uma identidade que remonta ao século XVIII, associando-a a fatores de desenvolvimento econômico, os quais atingem seu auge no século XIX com a europeização de uma elite maranhense agroexportadora apoiada no modo de produção escravista. Esse desenvolvimento econômico do Estado tem impacto nas artes, e em específico, nas letras. Mas querer se apegar a este ideal em plena metade do século XX, quando o Modernismo já estava consolidado em grande parte do país, é se ater ao passado. E essa é uma das razões pelas quais o CCGD não sobrevive quando adentra a década de 1950.

### **Considerações finais**

Nosso interesse maior em perscrutar o *Caderno Literário nº2* era identificar possíveis traços modernistas nesses textos e o resultado foi positivo, assim como encontramos poemas com influências parnasianas e simbolistas, estruturados na forma poética clássica por excelência: o soneto. Um ponto muito importante que caracteriza o Modernismo é a relação que o poeta tem com a linguagem e como ele a transforma, aproximando-a mesmo do povo. Nesse quesito, poucos são os poemas que se libertam de um vocabulário por demais convencional.

De acordo com nossa análise, o *Caderno Literário nº2* representa o exato momento de transição de uma geração: em 1947, alguns autores já escreviam em versos livres e brancos e outros não; a maioria ainda se prendia às temáticas dos sonhos, desilusões e amores impossíveis, outros escreviam sobre a nostalgia de tempos de outrora e outros já se voltavam para o engajamento e a crítica social. Em linhas gerais, e para o que se propõe, esta publicação segue importante para a historiografia deste período na Literatura Maranhense porque representou um espaço de publicação oportunizado pelo CCGD para jovens autores e autoras, dos quais muitos só encontrarão as veias do Modernismo na década seguinte.

### Referências

ÁVILA, Affonso. Do Barroco ao Modernismo: o desenvolvimento cíclico do projeto literário brasileiro. In: \_\_\_\_\_ (org). *O Modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p.29-36.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Diário de S. Luiz. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 10 abr. 2022.

BURNETT, Lago. *Estrela do céu perdido*. 2ª edição. São Luís: Edições AML, 1999.

CAMPANHA PRÓ-IMPrensa DO CENTRO CULTURAL GONÇALVES DIAS. Caderno Literário nº 2. 1947. BPBL: Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite. Disponível em <<http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

CANDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia*. Vol.2 Modernismo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORRÊA, Rossini. *O Modernismo no Maranhão*. Brasília: Corrêa e Corrêa Editores, 1989.

GARBUGLIO, José Carlos. *Melhores poemas de Gonçalves Dias: seleção*. São Paulo: Global, 2001.

MEIRELES, Mário Martins. *Panorama da Literatura Maranhense*. São Luís: Imprensa Oficial, 1955.